



### Educação Ambiental extra-fronteiriça: Fenomenologia da festa do Brasil e Japão

Lucia Shiguemi I. Kawahara<sup>1</sup>  
Michèle Sato<sup>2</sup>

**Resumo:** Em tempos de crise socioambiental global impondo os padrões de vida e valores pela lógica do mercado e também pela ciência desenvolvimentista, além da crise política que assola o nosso país e o mundo, nós educadores ambientais enfrentamos o grande desafio de refletir e buscar conhecer as diferentes formas de ser e estar neste mundo. No presente artigo, buscamos compartilhar e refletir sobre as possibilidades para a construção de um mundo mais justo. Reconhecemos que a dinâmica global se imbrica nas emaranhadas reflexões locais, e, assim, repousamos nossos olhares nos contextos das festas tradicionais das comunidades banhadas pelas águas do Pantanal mato-grossense do Brasil e das festas da colheita de arroz celebradas no outono na Ilha de *Noto* no Japão. Entre o EU individual e o NÓS coletivo fenomenológico, buscamos seguir os nexos da beleza da vida instaurada pela complexidade. Sem o esgotamento pela sua categorização ou análise, mas na aproximação de um determinado espaço e tempo para enamorarmos juntos, compreendendo o contexto e, coletivamente, construir saberes e pensar nas possibilidades de currículos pós-críticos para um futuro mais justo.

**Palavras-Chave:** Comunidades Tradicionais. Fenomenologia. Currículo Pós-Crítico.

### Extra-Border Environmental Education: Phenomenology of the Feast of Brazil and Japan

**Abstract:** In times of global socio-environmental crisis imposing standards of life and values under the logic of the market, also by a science which gives privileges to the economical development, in addition to the political crisis that plagues our country and the world, we environmental educators face the great challenge of reflecting and seeking to know the different ways of being and being in this world. In this article, we seek to share and reflect on the possibilities for building a more just world. We recognize that the global dynamics are rooted in the tangled local culture, and thus we rest our eyes in the contexts of the traditional feasts of the communities bathed by the waters of the Mato Grosso's Pantanal of Brazil, besides the rice harvest's celebrations in the autumn in the Island

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso UFMT no tema de Currículo, Festas Tradicionais e Justiça Ambiental. Pesquisadora e educadora ambiental do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte - GPEA/UFMT. E-mail: [kawahara.lucia@gmail.com](mailto:kawahara.lucia@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora e pesquisadora do Instituto de Educação / UFMTE do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais / UFSCar. E-mail: [michelesato@gmail.com](mailto:michelesato@gmail.com)

of *Noto* In Japan. Between the individual I and the phenomenological collective WE, we seek to follow the connection of the beauty of life established by the complexity. Without exhaustion by categorization or analysis, but in the approximation of a certain space and time to enchant together, understanding the context and, collectively, build knowledge and think about the possibilities of post-critical curricula for a more just future.

**Keywords:** Traditional Communities. Phenomenology. Post-Critical Curriculum.

### **Possibilidades extra-fronteiriças**

Em nossa vida de educadores, cada situação de dificuldade exige de nós novas leituras, releituras e, principalmente, diálogos com pessoas comprometidas com a transformação desta sociedade em crise. No entanto, nossas estruturas educacionais e sociais têm dificuldades em incorporar as emergências próprias de um contexto que requer mudanças frente ao colapso socioambiental. Assim, estudos, pesquisas, ações coletivas, e engajamentos são necessários como formas de resistências ao imobilismo instituído pelo *status quo* do atual processo de “desenvolvimento” no mundo. Faz-se urgente a construção de novas formas alternativas democráticas e reconhecimento de espaços participativos para se sonhar e transgredir.

Em se tratando de reflexões da Educação Ambiental, ressaltamos que as fronteiras não nos impedem de pensar sobre os desafios da atualidade, pois a crise socioambiental que enfrentamos é um problema global sobre o que devemos pensar e agir cada qual com o comprometimento e com os conhecimentos locais. Há um complexo tecido de afastamento e de aproximação com o global e o local, que talvez necessite de uma costura mais cuidadosa, pois o bordado se emaranha nos diferentes matizes da educação ambiental. Na Educação Ambiental encontramos um mosaico privilegiado para repensarmos e vivermos as possibilidades de reconstruir nossa forma de compreender o mundo e situarmos nossas vidas de volta à relação com o meio em que vivemos. A abordagem fenomenológica nos permite conceber a vida como espaço para criar e recriar a nós mesmos e a nossa própria cultura.

A tarefa de uma reflexão radical, quer dizer, daquela que quer compreender-se a si mesma, consiste, de uma maneira paradoxal, em reencontrar a experiência irrefletida do mundo, para recolocar nela a atitude de verificações e as operações reflexivas, e para fazer a reflexão aparecer como uma das possibilidades de meu ser (MERLEAU-PONTY, 2006, p.324).

Foi pela realização da pesquisa de doutorado que conhecemos duas festas tradicionais em duas comunidades bastante distintas. Em terras brasileiras, a Festa de São

Pedro, padroeiro de São Pedro de Joselândia no Pantanal mato-grossense. Na Ilha de Noto, no Japão, conhecemos as Festas de Outono – *akimatsuri* celebradas pelas comunidades tradicionais de *Notojima*.

Não compararemos as festas tradicionais, pois consideramos que os fenômenos são singulares e não são comparáveis, podendo cada qual à sua maneira contribuir com as aprendizagens que almejamos alcançar. E ademais, compreendemos que cada lugar, cada cotidiano no qual se movem os membros de diferentes comunidades é habitado não por sujeitos quaisquer, sem rosto, sem qualidades, mas por sujeitos personalizados, com cultura e identidades próprias. Entendemos então, que os sistemas de símbolos que definem cada comunidade não são dados pela natureza das coisas, eles são construídos historicamente, mantidos socialmente e aplicados individualmente, constituindo sociedades ricas em diversidades identitárias como expressão humana em tecer relações simbólicas e sociais (GEERTZ, 1989).

Por um lado, o território brasileiro é o local de intensa crença católica, com símbolos, santos e rezas com pouco cuidado à natureza, estabelecendo certa hierarquia com o humano em seu ápice. Por outro lado, o Xintoísmo japonês tem o ritual religioso totalmente orientado pelas crenças de que os caminhos de “Deus (*Kami*)” são a própria natureza (HARTZ, 2009). De qualquer modo, seja lá ou acolá, os seres encantados, monstros, iconografia, etnografia ou sagrado realizam uma espécie de celebração com o ambiente. O que nos estimulou na pesquisa, assim, foi tentar compreender como uma celebração cultural se amalgama com a natureza, e de que maneira a educação intergeracional se dinamiza no tempo e no espaço da aprendizagem em comunhão.

No contexto das festas tradicionais compreendemos que elas não são momentos apenas de alegrias e harmonia, são momentos de trama e relações intrincadas que na ambiguidade constroem relações. As festas tradicionais constituem momento e espaço que possibilitam o acolhimento da subjetividade onde são construídos valores na relação com os outros, no esforço coletivo, criativo, ousado, suado, solidário, conflituoso, respeitoso pelo desejo de manter a tradição e dar asilo ao novo. Há movimentos de negociações e na sua complexidade e ambiguidade, cria, repete e renova, pois:

Todos os “do lugar” compartilham crenças e conhecimentos comuns. Pouca coisa pode ser improvisada, e é porque desigualmente se sabe o que vai acontecer e desigualmente se sabe como proceder que o rito recria conhecido, e, assim, renova a tradição; aquilo que se deve repetir todos os anos como conhecimento, para se consagrar como valor comum. Renova um saber cuja força é ser o mesmo para ser aceito. Repetir-se até

vir a ser, mais do que apenas um saber sobre o sagrado, um saber socialmente consagrado. (BRANDÃO, 2010, p. 58).

Ao conhecer a celebração dos ritos festivos de cada comunidade, pudemos conhecer mais um excelente fenômeno para compreender que nossa preocupação planetária nos une e, ao mesmo tempo, nos diferencia à medida que cada comunidade experiencia e supera os dilemas existentes valendo-se dos saberes das comunidades tradicionais locais.

## **AS COMUNIDADES TRADICIONAIS E AS FESTAS**

### **No pantanal mato-grossense**

São Pedro de Joselândia chamou especial atenção pelas suas particularidades e características específicas de pantaneiros de uma área úmida (AU), condição necessária ao projeto internacional do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Áreas Úmidas (INAU), que o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) fez parte durante 7 longos anos. A biorregião consegue, de certa forma, manter seu modo de vida diferenciado dos padrões ditados pela globalização. São Pedro de Joselândia é um pequeno distrito de Barão de Melgaço - MT, localizado a 180 quilômetros de distância da capital mato-grossense, com uma população de, aproximadamente, 2.562 habitantes<sup>3</sup>, cercada pelas águas dos rios Cuiabá e São Lourenço. Neste *habitat*, o hábito ainda hoje é regido pela lógica do fluxo das águas do Pantanal.

A organização da Festa de São Pedro é feita ao longo de um ano, os moradores se arranjam em sintonia com o tempo das águas e da seca para melhor aproveitar as condições ambientais, organizando a sua maior confraternização de forma coletiva, sem atropelos, observando e, na maioria das vezes, conseguindo compreender os sinais da natureza. O costume local se adequa ao fluxo das águas para possibilitar maior participação e contribuição dos devotos de todas as sete comunidades que fazem parte do complexo de São Pedro de Joselândia.

As festas de São Pedro de Joselândia possuem uma estrutura sociocultural de solidariedade, coletividade, honra e cumprimento dos compromissos sem a obrigatoriedade de remuneração dos serviços solicitados, muito menos de leis ou promissórias para o cumprimento dos acordos. Pois esta comunidade remete ao pensamento de Mauss (2013, p.

---

<sup>3</sup> Dados IBGE - Censo 2010. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Censo demográfico de 2010.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. (Acesso em 22/05/2017).

67), em sua consideração sobre a capacidade dos humanos em “empenhar sua honra e seu nome bem antes de saberem assinar”. Além de reunir os moradores de todas as sete comunidades, a festa do padroeiro tem um importante valor afetivo e moral. A demonstração singular do elemento passional é percebida quando estas datas comemorativas se tornam um dos momentos únicos em que os filhos desta terra que saíram para os centros urbanos retornam ao lar. Geralmente os pantaneiros de Joselândia que moram nas cidades vizinhas utilizam acordos no trabalho e negociam a ausência no serviço para garantir sua participação nesse período de comemorações em seu território de origem.

A celebração do santo é da comunidade, no entanto, como costume de muitos ritos comunitários, a organização da festa é confiada à família do “festeiro”, seus parentes e irmandade mais próximos. Festeiro é o título consagrado ao voluntário que pela devoção ao Santo se candidata ao cargo de organizador do evento e sua escolha é realizada por um processo de sorteio cujo ritual será descrito posteriormente. Tornar-se festeiro com tamanha responsabilidade confere ao escolhido, privilégio e status de líder consagrado na comunidade.

Provavelmente, a questão mais importante para se compreender a dinâmica desta festa, é o fato de os moradores da comunidade de São Pedro de Joselândia se organizarem e estruturarem a celebração em diálogo constante com o ambiente pantaneiro em que vivem. Este saber revela-nos conhecimentos tradicionais de fundamental importância à manutenção das relações entre os moradores e deles com os outros seres e o ambiente em que vivem (GEERTZ, 2001; GRANDO, 2010).

**Figura 1** - Atividades dos dois dias principais da Festa de São Pedro



Fonte: Kawahara, Sato e Dias, 2015.

A festa de São Pedro, 29 de junho, acontece no período da seca do Pantanal de Mato Grosso, exatamente quando a maioria dos moradores que estiveram isoladas pelas águas da cheia começa a ter maior acessibilidade. Durante a cheia, quando as águas do rio Cuiabá e São Lourenço invadem as ruas das comunidades, a canoa se torna uma das únicas formas de as pessoas se deslocarem, limitando a mobilidade daqueles que dominam a arte de remar (QUADROS, 2013). Quando se aproxima a estação da seca, as pessoas retomam o livre transitar e, impulsionadas pela saudade do convívio, saem percorrendo a vizinhança, fazendo contatos ora impedidas pela cheia e lamas da vazante. Na comemoração santa, em junho, já é totalmente possível as pessoas se deslocarem, animadamente, para o povoado de São Pedro na data do seu padroeiro. Durante dois dias, a comunidade comunga em torno de farto banquete com churrascos, bebidas e doces distribuídos gratuitamente; entoa o cururu; dança alegremente o siriri de dia e o baile à

noite; celebra a missa de São Pedro quando são realizados casamentos, batismos reafirmando os laços e compromisso de cuidados e de afetos.

**Figura 2** - Procissão da Festa de São Pedro



Foto: Lucia Kawahara

A festa permite garantir a experiência subjetiva pelo corpo vivo, leigo e transcendental (MERLEAU-PONTY, 2006) onde cada membro tem a possibilidade de criar e recriar seu modo de ser na convivência e na negociação no bojo das comunidades tradicionais.

### **Na Ilha de Noto**

No Japão, conhecemos a Festa de Outono, nos meses de setembro e outubro, a Ilha de *Noto* realiza os festivais de outono (*akimatsuri*). *Akimatsuris* são rituais xintoístas celebradas pela comunidade agrícola que agradece coletivamente aos deuses e às deusas pela boa colheita do arroz. O festival de outono é uma das tradições sustentadas até os dias atuais em todo território japonês e, em *Notojima*, mais especificamente, ele é considerado pelos seus residentes como uma das expressões culturais mais importantes e significantes de suas vilas.

A pequena ilha de *Notojima* fica na península de *Noto*, localizada na província de *Ishikawa* (região centro este do arquipélago japonês) cercada pelo Mar do Oeste ou Mar do Japão. Com uma pequena extensão territorial de 46,78 km<sup>2</sup>, e 3.025 habitantes, *Notojima*

pertence ao município de *Nanao*, agregando 20 (vinte) vilas isoladas tendo como sua principal atividade econômica a pesca e agricultura<sup>4</sup>. Cada vila comemora o festival de outono em seus respectivos templos xintoístas, em datas pré-definidas, apresentando pequenas variações nas formas de celebração, mas com o mesmo espírito de agradecimento pela colheita do ano.

Segundo Nishiyama e Takeuchi (1983), todos os habitantes da Ilha de *Noto*, desde a tenra idade, aprendem que aqueles que têm alma devem consagrar, em agradecimento, os dias das mudanças de estações, ocasião em que se descansa o corpo para receber os deuses, renovando as forças espirituais e físicas para a continuidade do trabalho abençoado com a terra e mar. Desta forma, em *Notojima* existem diversas celebrações realizadas tradicionalmente, principalmente no início das quatro estações, nas temporadas de semear e ceifar, período de caçar e pescar, tempo de cuidar e aguardar, cada momento com seus respectivos rituais de solicitação de bênção, permissão e gratidão.

Na Ilha de *Noto* o espírito de união e pactos coletivos à manutenção da sobrevivência ainda persiste, pois as intempéries da localização e do clima exigiu que seus moradores se unissem e se ajudassem mutuamente, evidentemente, cada tempo com um motivo diferenciado, mas este pequeno povoado ainda cumpre o pacto da coletividade com a natureza que garantiu a subsistência de seus antepassados agricultores e pescadores.

A cerimônia de outono tem início no período matutino, no templo xintoísta com a oração de agradecimento aos deuses pela boa colheita que o sacerdote realiza na presença das principais autoridades da vila (*omiya mairi*). Logo em seguida são realizadas todas as performances artístico-religiosas pelos bailarinos no próprio pátio do templo e, na sequência, a delegação religiosa sai em procissão para uma longa jornada à peregrinação da bênção porta a porta (*kado matsuri*), encerrando altas horas da noite.

Na Ilha de *Noto*, cada uma das vinte vilas tem seu próprio templo xintoísta onde habitam os deuses guardiões daquela terra e estes templos estão sob a responsabilidade de um único sacerdote que reside no santuário central da ilha. Em geral a cortejo religioso é formado por pequeno templo da folha sagrada (*Sakaki Dai*), andor<sup>5</sup> infantil e andor principal (*kodomo mikoshi e mikoshi*), sacerdote (*shinshoku*), presidente de bairro (*Kucho*), presidente da associação dos jovens (*seinen dancho*), bailarinos voluntários (*odoriko*) e os músicos (*hayashi*). As danças e teatros (*hounen, shishimai e niwaka*) representam o

---

<sup>4</sup> <http://www.city.nanao.lg.jp/index.html> (acesso em 20/05/2017).

<sup>5</sup> Andores são santuários móveis onde são transportadas as imagens dos santos. “Andor s.m. padiola portátil e ornamentada, sobre a qual se conduzem imagens nas procissões; charola, andas”. (FERREIRA, 1999, p. 135).



espírito de alegria, purificação, labuta e vitória. Estas performances fazem parte do ritual e são transmitidas desde o período *Edo*<sup>6</sup> (1603 a 1868).

As apresentações são realizadas ao som de tambores, flautas, sinos e pratos carinhosamente ornamentados e, alguns confeccionados pelos próprios moradores de cada vila. As representações artísticas são peças teatrais ou coreografias de danças que ilustram alegria e agradecimento pela colheita; luta e vitória da comunidade sobre o mal – o mal é bancado pelos monstros em forma de leão-gigante, vigaristas, inimigos da província, rememorando os tempos de um passado distante de dificuldade quando o povoado sofria e precisava lutar muito para conseguir vida serena. É admirável a estética da festa, expressiva da cultura japonesa que prima pela harmonia complementar do Tao, entre a beleza dos deuses e a feiura das criaturas malignas.

Para a recepção da bênção, os moradores da vila preparam um altar doméstico com tapete e mesinha sobre a qual colocam as oferendas em frente às suas casas para receber a procissão, expressar a gratidão pela dádiva recebida da natureza e ser abençoados por mais um ano. Os donativos têm, necessariamente, uma porção de arroz, símbolo e razão principal do festival, seguidos de variadas ofertas tais como dinheiro, frutas, pescados, bebidas entre outros, conforme disponibilidade de cada residência. *Kado Matsuri*, este é o ritual da procissão em realizar a pequena parada para uma breve reza de bênção e elevação do andor em frente a cada casa com a oferenda que é coletada pela esposa do sacerdote.

---

<sup>6</sup> O período *Edo* (1603 – 1868), conhecido como era do xogunato de Tokugawa, foi o período de unificação e estabilidade do Japão. A Era Tokugawa reestruturou a sociedade em classes, expulsou os europeus e dizimou os cristãos demarcando um período de ostracismo. (MORTON, R. **The asiatic society of Japan**. Tokyo: Subaru Printing Co. Ltd., 2010)

**Figura 3** - Andor e sacerdote em frente à oferta de uma residência



Foto: Lucia Kawahara

Algumas residências que receberam graças especiais (casamento, nascimento, reforma ou construção de casa) costumam abrir suas portas para uma celebração mais demorada, onde toda a delegação é convidada a compartilhar do banquete preparado especialmente para recepcionar os festeiros, os acompanhantes da procissão e até mesmo os curiosos são bem-vindos.

As entrevistas revelam que o tempo em que se realizavam os festivais apenas como evento cultural já faz parte de um passado de mais de quatro décadas, e que, hoje, todos os responsáveis pela organização do ritual promovem a festa com a clara convicção de que tal evento auxilia na manutenção da cultura, do amor pela terra, do fortalecimento de vínculos comunitários.

### **Reflexões fenomenológicas**

As sociedades humanas estruturam suas festas acreditando que tais rituais servem como momento de formação da cidadania e comprometimento de seus moradores com a ilha em que vivem. Lembramo-nos das palavras de Carlos Brandão, pois percebemos a festa como um momento de se aprender o amor:

O amor que se vive e ensina não é uma lição que se dá, mas uma prática múltipla e fecunda que se comparte. Como uma emoção fundadora, o amor é uma experiência a ser partilhada em qualquer situação em que pessoas se reúnam para construir os saberes e os sentidos de suas vidas. (2005-a, p. 47).

O festival de outono, segundo relatos, possibilita a formação do espírito de união, de um corpo só (*ittaikan*) que a comunidade compartilha ao realizar a festa, por exemplo, na árdua tarefa de carregar o andor sagrado (*mikoshi*), na estruturação do grupo musical e de dançarinos, na limpeza da área do templo e estes pequenos costumes são importantes momentos de criação de sentimento de pertença. Na sociedade atual, existem poucas oportunidades da necessidade da colaboração comunitária, a prática do trabalho coletivo.

Então, a festa é fundamental para as pessoas saírem do seu conforto individual e isolado para dedicar-se à coletividade e garantir a interrelação entre as pessoas da comunidade (*kouryuu*). Aprende-se o respeito e a gratidão pelos deuses da natureza e protetores da vila; este sentimento não pode ser esquecido e faz parte da mensagem que sempre é incluída em todos os encontros que promovem para preparar a festa.

Em São Pedro de Joselândia não encontramos a intencionalidade de formação cidadã ou de valorização da cultura local como forma de reavivamento da comunidade embutida na realização da festa santa, no entanto esta comunidade constrói um verdadeiro espaço de aprendizagem coletiva e dialógica, construindo o que Brandão (2005-b) identifica como “Comunidade Aprendente” que são:

Lugares onde ao lado do que se faz como o motivo principal do grupo (jogar futebol, reunir-se para viver uma experiência religiosa, trabalhar em prol da melhoria da qualidade de vida no bairro, e assim por diante) as pessoas estão também inter-trocando saberes entre elas. Estão se ensinando e aprendendo. (BRANDÃO, 2005-b, p. 87).

Observando as festas, conseguimos encontrar, nestas comunidades aprendentes, caminhos para se pensar a Educação Ambiental para além dos muros escolares. Na perspectiva fenomenológica o currículo é uma trajetória, um percurso e, portanto, exige o rompimento do instituído para aventurarmos na possibilidade do devir humanizante.

Enfatizamos a necessidade de se criar espaços para a sensibilidade, crendo que a natureza interdisciplinar da Educação Ambiental possibilita estes diálogos (Sato, 1992). [...] Se existir alguma receita, a única que deve ser seguida ancora-se nas palavras de Platão: “*para educar, necessita-se de Eros*”. Isso significa que necessitamos de paixão, prazer e amor pelo conhecimento e pelas pessoas. Sem isso, não é possível reinventar a EA (PASSOS; SATO, 2002, p. 13).

A Educação Ambiental, na perspectiva Pós-Crítica, acredita na força de uma ideologia emancipatória e identidades que superam e resistem aos moldes universalizantes da modernidade. Dando-nos esperança de que a inclusão dos saberes tradicionais nos

programas educacionais e nas políticas públicas pode produzir formas de se retomar o que a apressada modernidade em nome do interesse econômico nos fez esquecer ou excluir. ´

A vertente crítica da educação ambiental é preponderante nos discursos e publicações brasileiras, e de fato, as identidades construídas exigiam emancipação, transformação e democracia. Contudo, talvez seja uma boa hora de transição apreciarmos melhor estas palavras e ressignifica-las num contexto pós-crítico, que é residual e carrega marcas indeléveis da teoria crítica, mas transcende-a. Ousadamente acreditamos que as identidades não necessitam ser fixas de uma geração à outra, tampouco que é preciso instituir uma única verdade para nominar o que são “comunidades tradicionais”. A lógica da racionalidade pode ser repensada ao lume dos sentimentos, no trançar conceitos com afetos (confetos), sem nenhuma necessidade de garantir o sucesso resiliente do empresariado capitalista, da sociedade individualista, racista, machista ou preconceituosa que promove a exclusão de alternativas não hegemônicas, únicas ou fixas.

Há variados fluxos (DELEUZE & GUATARI, 1995) que se emaranham contra uma estrutura rígida e central, criando rizomas horizontalizados de multiplicidades criativas. Neste sentido pós-crítico, a educação ambiental pode representar uma usina de criações e de várias educações ambientais capazes de desafiar a genérica orientação da resiliência, que tomou uma interpretação social duvidosa sobre os corpos físicos, contrapondo com o revigorante processo de RESISTÊNCIA contra o mercado que destrói a Terra, e que se estabelece de forma pivotante, aniquilando nossa maior habilidade humana em cuidar da Terra e de tantos outros planetas que sejamos capazes de descobrir, e sobretudo, de cuidar.

Encontramos nas comunidades a realização da perspectiva Pós-Crítica do Currículo, que para além da preocupação com as bases das lutas e denúncias que continuam sendo fundamentais na trajetória da educação, busca abrir novas reflexões necessárias no mundo atual. Nas palavras de Martha Tristão (2009, p. 6):

A tendência do professor como profissional pós-crítico é expressa pelas correntes sociofilosóficas do pós-estruturalismo e do pós-modernismo. Vale esclarecer que não há uma relação concorrente ou antagônica com a tendência de formação do profissional crítico ou da educação ambiental crítica e transformadora, mas complementar. Essa tendência também traz em sua marca a dimensão ético-política, mas insere o/a professor/a como profissional, atuando em um cenário longe de um rótulo, em um terreno mais incerto, em uma pedagogia da incerteza, compreendido em sua incompletude.

Observamos nas festas, espaços para pensar e ver o currículo como base da nossa realidade cotidiana, extrapolando a discussão restrita à luta de classes sociais. É uma perspectiva que nos abre possibilidade de sermos educadoras ambientais na sua complexidade, sem dissociar o processo de ensino, aprendizagem, pesquisa, militância. Ao considerar as festas como espaço legítimo de um currículo de vida, criador e sonhador estamos valorizando e reconhecendo as formas de ser e viver das comunidades como uma forma de resistência por um mundo mais justo e inclusivo.

Na celebração das festas, percebemos uma preciosa oportunidade de formação de sujeitos na sua totalidade, em espaços e tempos coletivos de aprendizagens e de criação, bem como a possibilidade de se promover a espiritualidade que chega em forma do amor e dos cuidados pela terra em que se habita (BRANDÃO, 2005; MATURANA, 2009). As festas são instâncias de experiência de convívio, de arte, de partilha e, portanto, momentos de inserir o sentido da educação, a aprendizagem pode ser mais significativa, pois “Fora da escola, o saber tem alma, e o ensino é música” (BRANDÃO, 2010, p. 124).

Na expectativa pós-crítica, encontramos as bases para superar a excessiva fragmentação e especialização de papéis; localizamos o espaço para inventar alternativas para sermos educadores de forma contextualizada, em diálogo com as necessidades e saberes do local onde estão os desafios, respeitando as identidades múltiplas que nos cercam.

Depois das teorias críticas e pós-críticas do currículo torna-se impossível pensar o currículo simplesmente através de conceitos técnicos como os de ensino e eficiência ou de categorias psicológicas como as de aprendizagens e desenvolvimento ou ainda de imagens estáticas como as de grade curricular e lista de conteúdo.

Num cenário pós-crítico, o currículo pode ser todas essas coisas, pois ele é também aquilo que dele se faz, mas nossa imaginação está agora livre para pensá-lo através de outras metáforas, para concebê-lo de outras formas, para vê-lo de perspectivas que não se restringem àquelas que nos foram legadas pelas estreitas categorias da tradição. (SILVA, 2005, p. 147).

Esta Educação Ambiental Pós-Crítica que conhecemos nas festas está em um cenário do “não-lugar”, sem o enquadramento ou demarcação nos moldes previstos pela modernidade, ela está dissolvida no cotidiano comum de pessoas e espaços invisíveis que resistem e re-existem na criatividade coletiva. Nas comunidades tradicionais temos a oportunidade de observar e vivenciar a educação, enquanto arte investigadora da vida cotidiana, no fazer coletivo, fortalecendo uma identidade não fixa, “que se expressa e se

afirma na articulação da natureza e cultura, que se consubstancia, de forma eminente, na trajetória de um currículo educacional.” (PASSOS; SATO, 2002, p. 09).

Auxiliados pela Teoria Curricular Pós-Crítica, percebemos a possibilidade de extrapolarmos os muros escolares para considerar os “cenários da vida social” (BRANDÃO, 2005-a, p. 75) como espaços educativos. Assim, a perspectiva Pós-Crítica à Educação Ambiental, o movimento se distancia das certezas e busca criar novas possibilidades no próprio cotidiano, ponderando a incompletude humana e fortalecendo as relações, pois é importante considerar “a subjetividade, as relações intersubjetivas e a fundamentação como um conhecimento não-linear, fazendo analogia com a metáfora da rede para compreender a vida e o conhecimento” (TRISTÃO, 2009, p. 06).

Nas atividades realizadas nas Festas de Outono da Ilha de Noto no Japão, bem como nas Festas de São Pedro no Pantanal de São Pedro de Joselândia no Brasil, verificamos a vivência do currículo fenomenológico da Educação Ambiental Pós-Crítica. São celebrações espirituais que desafiam o racionalismo exagerado, acolhendo outras formas de se pensar, fazer e sentir a educação ambiental. Não têm a pretensão de dar um veredito final, mas se dinamizam, e a cada período, se ressignificam ao lume das invenções, mudanças e ajustes cotidianos. Em outras palavras, as festas religiosas são momentos de multiplicidades criadoras que se expressam por meio de várias linguagens como peças do vestuário, aroma da gastronomia, emoção da musicalidade, dança dos corpos ou também pelos rituais de silêncios.

Tanto no *Akimatsuri* quanto na Festa de São Pedro, pudemos observar a aprendizagem das três dimensões fundamentais da Educação Ambiental: do “Re-conhecer o sagrado, do Re-praticá-lo e substancialmente, Re-vive-lo”. Sato & Passos (2002) consideram que a fenomenologia se inscreve num importante substrato da tríade de dimensões educacionais intrínsecas e conectadas da qual não podemos esquecer: a conceituação das ciências e suas teorias (episteme), os caminhos traçados na vivência metodológica (práxis) e a ética e valores subjetivos das escolhas políticas e modo de vida (axioma).

No tripé filosófico do axioma, da episteme e da práxis, a metáfora de um dente-de-leão simbolizaria as conexões necessárias; desde que o solo em que cresce a planta seja o chão ético de valores, posturas políticas, identidades e sentidos polissêmicos da existência humana (axiologia); o enraizamento, crescimento e desenvolvimento do dente-de-leão, o conhecimento científico que sustenta as propostas (epistemologia); e as sementes de propagação, a continuidade e a disseminação, ainda que nas

incertezas de ventos, chuvas ou de condições adequadas à sustentabilidade (praxiologia). (SANTOS, et. All; 2009, p. 08).

As festas são codificações simbólicas do modo de ser e viver de uma comunidade, onde as relações são regidas em torno das permutas e trocas de seus derivados e favores; tudo se inscreve na prática da terra (práxis), na ética do agir (axioma) e na lógica elaborada (episteme) no seio afetivo das comunidades tradicionais.

A presença da dimensão axiológica na festa está, por exemplo, na relação respeitosa que os participantes estabelecem com os seus vizinhos, na colaboração e solidariedade de variadas formas, no compartilhar da fé e nos sentimentos de partilha de valores, alegria e vida em comum. É, sobremaneira, uma expressão do sagrado e de toda construção existencial que isso evoca nos seres humanos.

A dimensão epistemológica pode ser encontrada, principalmente, nos registros e ensinios da história da comunidade, na aprendizagem das músicas, coreografias das performances artístico-teatrais, bem como no etnoconhecimento do preparo das iguarias dos banquetes ofertados, na relação com o ambiente que a cerca, sempre na coletividade. Este saber é fruto de uma aprendizagem alcançada na convivência e no partilhar dos espaços e tempos comuns, na presença transgeracional da comunidade, avôs, pais, filhos e netos; netas, filhas, mães e avós constroem conhecimentos e sentimentos de pertença e amor pela cultura e pelo local ao qual pertence.

A dimensão praxiológica se mostra em cada trabalho realizado, nos detalhes da ação conjunta desenvolvida na estruturação, organização e condução da festa. Em Noto, por exemplo, as crianças são convocadas pelas lideranças das associações de bairro para confeccionar, por exemplo, a flauta que será utilizada na celebração. E assim, a escola em diálogo com as associações organiza o calendário que considerará o tempo de ida ao bosque para retirada do bambu à confecção propriamente dita da flauta, contemplando até mesmo a aprendizagem das performances e o sentimento de gratidão - que devem ser incluídas nas festas.

Atualmente, a formação de uma consciência da intrínseca relação que o ser humano tem com o seu *habitat* e o impacto desta interligação do bem-estar das pessoas e do ecossistema tem sido buscado no mundo inteiro. Necessitamos da Educação Ambiental Fenomenológica que valoriza a cultura local e a considera como possibilidade da percepção do seu pertencimento ao meio em que vive, fazendo-nos relembrar que somos todos responsáveis por este mundo em que vivemos.

Observar o contexto brasileiro e japonês possibilitou-nos compreender que os desafios da humanidade são comuns a todos no planeta frente à crise socioambiental, mas que podemos cada qual, no fortalecimento das identidades locais unir esforços à construção de sociedades mais sustentáveis.

Ao reafirmar que a festa é um espaço sagrado, não é só por ela ser de cunho religioso, mas também por ser um lugar que possibilita a integração das relações perdidas ao longo da modernidade: entre o ser humano com a natureza, com eles próprios e com os outros. É um reencontro existencial de si com a alteridade do outro, na multiplicidade fenomênica que edifica uma educação ambiental amalgamada nas dimensões da cultura e da natureza. Se a educação ambiental é o processo de humanização, é também processo de existir pela vivência e, portanto, a festa é um espaço de possibilidades de aprendizagem da solidariedade. Implica em aprender e reaprender a cuidar, a partilhar, e a amar. E ainda que o currículo seja pós-crítico, amar continua sendo o ato mais revolucionário para orquestrar a mudança que queremos no mundo.

## Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aprender o amor** – Campinas, SP: Papiros, 2005-a.
- \_\_\_\_\_. Comunidades aprendentes. *In*: FERRARO, JR. Luiz. Antonio (org). **Encontros e Caminhos: formação de educaras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005-b.
- \_\_\_\_\_. **Prece e folia, festa e romaria**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de A. N. Guerra; C. P. Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995. Vol. I-V.
- GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Tradução de Vera Joscelyne. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- GRANDO, Beleni Salete. O jogo da educação do corpo e a identidade Bororo em espaços de fronteiras étnicas e culturais. *IN*: GRANDO, Beleni Salete.; PASSOS, Luiz Augusto. **O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010. p. 105-120.
- HARTZ, Paula. **World religion Shinto**. New York: Chelsea house, 2009.
- KAWAHARA, Lucia; SATO, Michéle; DIAS, Marcos. **Festa de São Pedro: orgulho da comunidade pantaneira**. Cuiabá: CPP-INAU&UFMT-GPEA, 2015.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. Tradução: Paulo Neves, São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MERLEAU-PONTY, Merleau. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos A. R. de Moura. 3.ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2006.



NISHIYAMA, K, TAKEUCHI, Y. *Shimano Gireidenshou – kisetsu to jinsei no orime. IN: Notojima Yakuba. Notojimacho-shi. Shiryohen dai ni kan. Notojima, 1983. 能登島趙氏—資料編第二卷「島の儀礼伝承—季節と人生の折り目」* (História dos rituais da Ilha de Noto, estações e fases da vida dos moradores).

PASSOS, Luiz. Augusto e SATO, Michèle. “Educação Ambiental: O Currículo nas Sendas da Fenomenologia Merleau-pontyana”. In SAUVÉ, Lucie; ORELLANA, Isabel et SATO, Michèle (Dir.) *Sujets choisis en éducation relative à l'environnement - D'une Amérique à l'autre. Montréal: ERE-UQAM, 2002, Tome I: p. 129-135.*

QUADROS, Imara. **Palavras científicas sonhantes em um Território úmido feito à mão: a arte popular da canoa pantaneira.** 2013, 364f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT, Cuiabá.

SILVA, Tomaz Tadeu. da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 8. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SANTOS, José.; SATO, Michèle.; ZANIN, Elizabete.Maria.; MOSCHINI, Luiz. Eduardo. **O cenário da pesquisa no diálogo ecológico-educativo.** São Carlos: Rima, 2009.

TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigmas** – UFES/2009 . Disponível em:

<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt22-3691-int.pdf> (acesso em 20/maio/2017).

*Submetido em: 31-07-2017.  
Publicado em: 30-09-2017.*